

Artigos

O indígena narrado por Alfredo de Taunay na obra A Retirada da Laguna

The indigenous told by Alfredo Taunay of work in A Retirada da Laguna

Elisa Maria Balzan*

Neimar Machado de Sousa**

* Mestranda em Educação pela UCDB. Pós-graduada pela Estácio de Sá de Campo Grande em Metodologias de Linguagens Clássicas. Formada em Letras Português/Inglês pela UNIDERP. E-mail: isabalzan@gmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em História Regional pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduado em Filosofia pela UCDB. E-mail: professor_neimar@hotmail.com

Resumo

O texto apresentado constitui-se em uma análise bibliográfica da obra A Retirada da Laguna, que tem como autor Visconde de Taunay, Alfredo de Taunay. O processo de reflexão que foi despertado tomou por base a representação do indígena na obra A Retirada da Laguna, especificamente durante a Guerra do Paraguai. Na leitura da obra, pensou-se uma tentativa em compreender as relações que, segundo o autor, apareceram relatadas na obra, destacando o indígena, sob vários olhares, ora visto como valente e lutador, conhecedor que era dos territórios, ora dado como ser violento, cruel e selvagem. O autor refere que muitos indígenas padeceram, na guerra, pela cólera, beribéri, fome e pelo inimigo implacável. A leitura pretende uma reflexão acerca do “olhar” de Taunay, sobre as relações interétnicas e interculturais presentes no texto A Retirada da Laguna, e nos remete a uma viagem na literatura/história.

Palavras-chave

Guerra do Paraguai. A Retirada da Laguna. Indígena.

Abstract

The text is presented in a bibliographic analysis of the work Withdrawal from Laguna whose author Viscount Taunay, Alfredo de Taunay. The reflection process was awakened became the basis for representation in the work of indigenous Withdrawal of Laguna, specifically during the war with Paraguay. In reading the work was thought an attempt to understand the relationships that, according to the author, appeared in the work reported, highlighting the indigenous in many looks, now seen as brave and fighter, who was knowledgeable of the territories, sometimes given as being violent, cruel and savage. The author states that many Indians have suffered in the war, cholera, beriberi, hunger and implacable enemy. Reading want a debate about the “look” of Taunay on intercultural and interethnic relations in the text Withdrawal of Laguna and takes us on a journey in literature/history.

Key words

War of Paraguay. Withdrawal of Laguna. Indigenous.

Introdução

Talvez um dos mais célebres narradores e retratadores do Brasil, cujos relatos e conjunto da obra pode ser tomado como documento histórico, Visconde de Taunay foi sem dúvida um visionário participante da Guerra do Paraguai, o qual soube expressar nos seus apontamentos as angústias e fascínios da desconhecida terra tupiniquim. Em uma carreira literária assolada por altos e baixos, Taunay abordou nos seus escritos, as narrações de convívio com os sujeitos da guerra e as dificuldades promovidas por ela. Nos seus apontamentos, encontra-se o homem indígena em passagens históricas retratadas como na obra *A retirada da Laguna*, sua obra mais importante, escrita originalmente em língua francesa. Nas viagens das quais participou Taunay ao longo da guerra, veem-se os relatos mostrando que o indígena na Guerra do Paraguai como é visto e retratado pelo autor, ora é mencionado como ser valente e corajoso, ora covarde e perigoso, percebe-se também um homem estrangeiro, que, a mando do Império, tornou-se parte de uma luta que nem era sua. Assim é aqui proposta uma leitura sobre aspectos específicos da obra de Taunay, considerando a condição de olhar do homem Taunay sobre o homem indígena, sob o enfoque do autor, pela sua percepção da presença indígena na guerra, sem deixar de mencionar o convívio entre ambos. Uma reflexão também se fará necessária sobre as relações interétnicas que aparecem no texto de Taunay, assim como as relações de interculturalidade

que se fizeram aperceber no texto. Essas relações que ocorreram em todos os momentos da guerra, serão aqui apontadas, em partes referidas, para refletir as relações de poder na guerra, o que se soma à presente discussão. A obra, escrita por Alfredo d'Escragno Taunay, filho de Visconde de Taunay, de pais franceses e nascido no Rio de Janeiro, fora requisitada por Sua Majestade Imperial Dom Pedro II, o Imperador do Brasil, e se tornara obra após término da guerra. Foram os relatos enviados à corte que deram origem à obra *A Retirada da Laguna*. Taunay foi requisitado a acompanhar as tropas brasileiras na defesa da pátria contra a nação vizinha, o Paraguai, segundo ele, a mando do Imperador.

Em sua obra, Taunay descreveu o indígena, relatando as passagens em que o indígena envolveu-se, participando da Guerra, com o inimigo, com os soldados, enfim com a comitiva toda. Em alguns trechos, os relatos apareceram em casos de viagem, em momentos de entrosamento da comitiva e principalmente de Taunay com os indígenas, no sul de Mato Grosso onde encontrou obstáculos de toda natureza. O autor relatou o encontro com o povo Chané, local onde conheceu Antonia. A belíssima índia Chané encantou o autor desde a primeira vez que a viu: "Embelei-me de todo por esta rapariga e sem resistência me entreguei exclusivamente ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu" (TAUNAY, 1997, p. 301).

Nas leituras que se permitiram a partir do "olhar" de Taunay, foram encontradas imensas discussões que poderiam ser levantadas. Mas, como a abordagem que

se pensou, a princípio, era analisar a obra *A Retirada* com a pretensa investigação da participação indígena na guerra, não se pode deixar de pensar Taunay como o estrangeiro (europeu) que estava nos lugares também estranhos a ele. Seguindo esse caminho, percebeu-se a necessidade de se entender as relações interculturais que apareceram projetadas ao longo do discurso.

Assim se trabalhariam os processos de hibridização em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto, a respeito das assimetrias de poder e do prestígio. (CANCLINI, 2008, p. XXVI).

Essa relação entre “os desiguais” parece bem colocada aqui como referência. Parte-se do contexto cultural/histórico de que o diálogo que ocorreu entre as partes, o homem europeu e o indígena, assim como os membros da colônia que também estiveram envolvidos na guerra, tenha decorrido da “mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento europeu com os originários das sociedades americanas” (CANCLINI, 2008, p. XXVIII).

Contexto cultural e histórico

O autor de *A Retirada*, Taunay, nasceu no Rio de Janeiro e estudou na Europa. Filho de franceses, de família aristocrática, foi chamado pelo Rei para fazer parte do exército brasileiro, que junto com Argentina e Uruguai formaram a tríplice aliança, pacto que teve como objetivo atacar e

combater o vizinho Paraguai, segundo o autor, para defesa da Pátria.

Os fenômenos geográficos, econômicos, religiosos, morais e culturais tinham uma força maior nos campos de guerra, e o sentimento de comunidade amparava os membros da comitiva tornando-os mais unidos num sentimento coletivo.

Em meio a um sertão paradisíaco, Taunay recriou com imaginação romântica e idealizada, apareceu no romance *Inocência* (1872) e na novela *Irecê a Guaná*, incluída em histórias brasileiras (1874), e foi assim descrita por ele: “Sentia-me deveras feliz no seio daquela esplêndida natureza, debaixo daquelas gigantescas árvores ou à beira de puríssimas águas correntes e na íntima convivência de muitos índios” (TAUNAY, 1948, p. 260). Em nota de rodapé, o autor referiu que “a novela ‘Irecê a Guaná’ por sua vez, foi fruto dos meses que conviveu com os índios, observando-lhes os costumes e tentando aprender a língua. Gabava-se Taunay ter sido o único escritor de sua geração a ter tido esse tipo de experiência” (1997).

As anotações de Taunay renderam-lhe profundos estudos e um filme

O trágico relato de Taunay mereceu em 1931 um filme com o título *Alma do Brasil*. Rodado em condições curiosas no próprio local onde se deram os fatos históricos, contou com cavalos e soldados fornecidos pelo Exército brasileiro, que na ocasião realizava manobras no sul de Mato Grosso, preparando-se talvez para a revolução de 30. Índios da região participaram das tomadas fílmicas em Nioaque e

região, local onde aconteceu a Retirada da Laguna. (GUIZZO, 1984, p. 42).

Em seu livro *A Retirada da Laguna*, Visconde de Taunay apresenta-nos um relato fascinante e ao mesmo tempo triste da Guerra do Paraguai, ou, a Guerra da Tríplice Aliança, como também ficou conhecida. A operação de guerra relatada por Taunay se iniciou com a invasão do Paraguai, em 1867, e contava com o comando do coronel Carlos de Morais Camisão e, como guia da expedição, José Francisco Lopes.

Segundo Taunay, foi ao comando do ditador Francisco Solano López, presidente do Paraguai, que as hostilidades entre Brasil e Paraguai iniciaram-se com a captura do navio brasileiro Marquês de Olinda, da Marinha Mercante Imperial, o qual levava ao Mato Grosso o Coronel Carneiro de Campos, nomeado seu governador, iniciando assim a guerra, em 1865, que durou cinco longos anos.

Foi a 1ª de janeiro de 1867 que o coronel Carlos de Morais Camisão, nomeado pela presidência de Mato Grosso, assumiu o comando dos infortunados soldados, que só por um profundo sentimento de disciplina ainda se mantinham nas fileiras. (TAUNAY, 1997, p. 42).

No dia referido acima, partiu a coluna de Miranda em marcha a Nioaque. A equipe era composta por um quadro de engenheiros, do qual Taunay fazia parte, por comandantes liderados pelo Cel. Camisão, por grupo de soldados, alguns dos quais também eram seguidos por suas mulheres, que acompanhavam a expedição ao longo

da jornada, e pelos índios que seguiram a coluna a mando dos comandantes, para prestarem serviços à nação.

Os testemunhos da jornada de guerra eram as cartas enviadas ao Rei pela expedição como prova dos acontecimentos presenciados pela equipe que compunha a coluna. Das vicissitudes por que passaram restava a todos a galhardia retratada pelos documentos enviados à Corte, por Taunay. E, como retratasse os soldados e a comitiva como “heróis”, em muitas passagens percebe-se a apresentação dos índios que habitavam a região do sul de Mato Grosso.

O 17ª batalhão recebeu então ordem para marchar além do ponto onde já se encontrava o 21ª batalhão e fazer um reconhecimento sob o comando do guia Francisco Lopes. Um grupo de índios terenas e guaicurus que se apresentara ao comandante havia algum tempo acompanhado o batalhão. (TAUNAY, 1997, p. 69).

Ao acompanharem a expedição, os indígenas pouco sabiam de sua serventia naquele lugar. “Os selvagens”, como eram chamados por Taunay, eram assim descritos, como aparece no trecho escrito por Alfredo d’Escagnolle Taunay, filho de Visconde de Taunay em carta a Sua Majestade Imperial Dom Pedro II, o Imperador do Brasil:

[...] quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser. (TAUNAY, 2005, p. 43).

Nessa passagem, já se podem observar os relatos “floreados” do autor sobre os

índios. Em muitos momentos, percebe-se na narrativa como os índios eram tidos como seres vingativos e violentos pelos integrantes da coluna, não amistosos e arredios. Havia a barreira da língua, que dificultava a comunicação entre a comitiva e os índios. Chamados de “seres primitivos” com pouca comunicação com o grupo, pergunta-se: como poderia haver comunicação se não se compreendia a língua? Em seu relato, Taunay citou, em algumas passagens, a dificuldade de entrosamento entre os índios e o restante da coluna.

O sentimento de solidão que tomara conta do grupo perpetuou-se durante a longa jornada da guerra. Os lugares inóspitos por que passou transformaram as ideologias, a força e a ordem da campanha, que, mesmo no enfrentamento ao inimigo, soubera desvendar os louvores da natureza.

Em Miranda, antes da partida da coluna para a Guerra, o grupo apreciou a beleza do lugar e assim descreveu o autor na passagem:

Com razão deram os guaicurus a este lugar o nome de Campo Belo (Laiiad). O sentimento de admiração parece ser privilégio dos povos civilizados; o homem primitivo raras vezes o manifesta, ao menos exteriormente. Os contornos de uma cena majestosa da natureza puderam uma vez, entretanto, penetrar o invólucro material do selvagem e unir o rude e maravilhoso espectador ao autor da obra. O primeiro guaicuru que olhou para esta região encantada não pode conter a exclamação de surpresa; com voz gutural e profunda, pronunciou

a palavra *laiiad*, nome que lhe ficou para sempre. (TAUNAY, 1997, p. 48).

Nessa jornada, os índios, por conhecerem bem a região, eram “usados” para adentrar nas matas fechadas já que o sul de Mato Grosso era uma terra inóspita, que os soldados do rei e seus engenheiros pouco conheciam. Estes tinham de ser “poupados” para a guerra, pois os mantimentos escassos e as temperaturas oscilantes deixavam os soldados “derrubados”. Nos textos de Taunay (1997, p. 134.), encontram-se referências a altas temperaturas, a dias chuvosos em que se formavam enormes lamaçais quase intransponíveis pelas tropas que, em alguns momentos, ficavam retidas, pois as chuvas em demasia não lhes permitiam passagem. O autor relatou um momento em que ficou ilhado em cima de uma árvore, passou a noite amarrado a ela para não cair se por acaso dormisse e em que chorou, com fome e frio. As queimadas também foram contadas no texto como uma barreira para o avanço das tropas sobre o inimigo. O autor cita: “mesmo a erva rasteira desaparecera: tudo havia sido queimado” (TAUNAY, 1997, p. 79). Formavam-se imensas cortinas de fumaça que durante dias permaneciam indissolúveis, não permitindo nem mesmo a busca pela comida. Conforme consta das *Memórias* (1948, p. 51), Taunay relatou a passagem do rio Taboco, que delimitava a região chamada “boca do Pantanal”. A partir daquele ponto e até a fronteira com o Paraguai, não ocorriam as violentas inundações, que se estendiam até o Coxim, onde a expedição ficou imobilizada, antes de marchar para o rio Apa, divisa dos dois países.

Esses territórios inóspitos e desiguais eram dominados pelos indígenas que viviam na região. Eles faziam a derrubada da mata para a passagem da coluna, em meio às imperfeições do cerrado matogrossense, havia plantas rasteiras cortantes e venenosas, que formavam enormes feridas de que decorriam infecções perigosas e febres dilacerantes. Escavavam o chão para enterrar os mortos, era o “serviço sujo”; muitas vezes, chamados de violentos pelas suas reações diante do inimigo, tinham que ser detidos pelo comandante da missão.

Os cadáveres paraguaios não arrastados pelo laço dos compatriotas foram, todos, achados mutilados e de modo hediondo. A propósito de tais profanações fez o coronel violentas exprobrações aos índios, acenando-lhes até com a pena capital, se acaso, daí em diante, desrespeitassem os mortos. Tais a sua indignação e o pavor aos selvagens incutido, que até o fim da campanha, ficamos livres de semelhante espetáculo, e isto quando já o nosso chefe deixara de existir. (TAUNAY, 2005, p. 92).

Durante a Guerra, em meio a tantas dificuldades, como fome, sede, e em meio a tantas privações, os saques eram evidentes e muitas vezes necessários para a sobrevivência da tropa.

Os auxiliares índios, guaicurus e terenas, não foram os últimos a se apresentar para o saque. Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhe tomarmos a frente, lhes bradávamos: Vamos! Avante! Valentes ca-

maradas! Agora se lhes transmutara a indolência num ardor sem limites para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo.

Vislumbrava-se um resto de crepúsculo, ainda quando o grosso da coluna chegou. Foi este o momento do atropelo e da balbúrdia: tantos objetos se avistavam sem dono, misturados e fadados à destruição. Cada qual tomou o seu quinhão, sendo exatamente os menos beneficiados aqueles que à presa tinham mais direito, pois o haviam conquistado sob o fogo inimigo e guardado, como propriedade pública, até o momento da depredação geral. Era este saque, aliás, legítimo, e não se teria podido, sem manifesta injustiça, recusar tal prazer aos soldados, que o haviam comprado e adiantado por uma série de meses de privações e fome. (TAUNAY, 2005, p. 76).

Quando a coluna chegou ao sul de Mato Grosso, refere Taunay, os índios que por ali foram “aparecendo” eram resgatados pela comissão de guerra para seguirem a coluna, a que o autor colocou como sendo um serviço à pátria. “Sobre a posição dos índios do sul de Mato Grosso durante a guerra, afirmou Taunay nas *Memórias*”

Quando ecoou o primeiro tiro do invasor naquela vasta zona, cada tribo manifestou tendências particulares. Nenhuma delas, porém, congregou com o inimigo. O castelhano era por todas considerado, se séculos passados, credor de ódio figadal e irreconciliável. (TAUNAY, 1948, p. 268).

Muitos apontamentos de Taunay referem-se aos indígenas como o “conhecedor” da natureza e dos seus mistérios. Este conhecer era utilizado pelos expedicionários para salvar vidas, pois os indígenas conheciam as plantas medicinais, que foram usadas na cura de enfermidades como ferimentos na pele, queimaduras, diarreias provocadas pela má alimentação e ingestão de alimentos estragados e por água não potável. As febres eram controladas pela infusão de plantas que os indígenas preparavam, pois os medicamentos eram escassos e não havia medicina suficiente na expedição para atender um grupo tão grande de pessoas, às vezes, doentes ao mesmo tempo.

Taunay (1997, p. 219) relatou:

O que descobriram foi a tranqüila morada do nosso valoroso guia, (Lopes), rodeada por uma belo laranjal, realização tão agradável quanto completa das promessas de Lopes e de todas as descrições que nos fizera da grandiosidade de seu pomar.

“Em 22 de fevereiro de 1865, padre Marianno [...], entregou-se voluntariamente aos paraguaios para solicitar-lhes compaixão em favor da desgraçada paróquia” (1997, p. 44). A Igreja de frei Marianno de Bagnaia ficava na cidade de Miranda e, apesar de implorar ao inimigo para que poupasse sua paróquia, o que viu foi:

Altars derrubados, imagens santas despojadas de seus ornamentos, todos os sinais de profanação. [...] O comandante esforçou-se para convencer o missionário de que os M'baías eram os únicos responsáveis por aquilo. (TAUNAY, 1997, p. 45).

Os índios M'baías eram assim chamados porque utilizavam de prontidão o cavalo trazido pelo homem branco e, que surpreendentemente, desenvolveram uma técnica de equitação e adestramento tal que surpreendeu a todos. Entre seus costumes também utilizavam o “chiripá” e o “cayapi”. O “chiripá” era uma espécie de saia, constituída por um retângulo de pano enrolado na cintura, até os joelhos. O “cayapi” dos minuanos era um couro de boi, inteiro e bem sovado (que se usava às costas), com o pelo para dentro e a parte da carne para fora, pintado de listras verticais e horizontais, em cinza e ocre. À noite, servia de cama, estirado no chão, os charruas o chamavam de “quillapi” e “toropi”. A mulher, entre os índios cavaleiros, usava apenas o “chiripá”. No rosto, pintura ritual de passagem, assinalando a entrada na puberdade. No pescoço, colares de contas ou dentes de animais.

Além desses indígenas, Taunay teve contato com os Terena que viviam nas margens do Rio Paraguai, e encontrou um povo, como disse, “ágil e ativo”, que apresentava enorme mobilidade e conservava as tradições de sua raça graças a um espírito firme de liberdade.

Sobre as mulheres Terena, o autor escreveu:

São as mulheres geralmente baixas, têm cara larga, lábios finos, cabelos grossos e compridos [...] e expressão de inteligência. Trazem comumente parte do busto descoberto e uma julata, tanga ou avental de algodão, cinto abaixo dos seios, com uma das pontas passadas entre as coxas e

segura à cintura. Raras dentre elas sabem falar o português: todas porém o compreendem bem, apesar de fingirem não o entenderem”. (TAUNAY *apud* BITTENCOURT, 2000, p. 60).

Taunay e o capitão-engenheiro Antônio do Lago, acompanhados de alguns soldados, tentando escapar do inimigo, chegaram à aldeia de Naxedaxe, local onde ficava bom número de Terena. O autor descreveu, em seu relato, sobre esse povo Terena, que ao vê-los, assustou-se pensando serem inimigos, mas logo, descobrindo que se tratava de soldados amigos da Pátria, forneceram alimentos aos soldados e à comitiva de Taunay.

Em outro contato com outros povos indígenas, em cerimônias próprias, em aldeias com suas tradições, o encantamento próprio do homem europeu diante de tamanha diferença é relatado pelo autor em trechos como:

O curador ia cantando pela madrugada afora e então parava por um longo tempo. De repente ouvia-se, bem longe, o grito do macauã, que era respondido pelo curador. Os pios do pássaro iam se aproximando cada vez mais e no final o koixomuneli começava a fazer as previsões. Taunay confessou ter ficado muito impressionado com a conversa entre o koixomuneli e o macauã e desenhou um deles. (TAUNAY *apud* BITTENCOURT, 2000, p. 62).

Sobre as nações indígenas, apareceram nos relatos do autor a nação Guaicurú que vivia nos arredores do Rio Paraguai e, além desta, na região de Miranda havia também a nação Chané, outro nome com

que eram conhecidos os Guaná.

A nação Chané (Guaná) dividia-se em quatro grupos: os Terena, os Kinikinau, os Layana e os Choronó (que Taunay, às vezes chamava apenas de “guanás”). No tempo da invasão paraguaia, os Terena moravam no Naxedaxe, no Ipegue, na Cachoeirinha e em uma aldeia chamada “Grande”. Os Kinikinau vivam no Euagaxigo (Agaxi) e no Laiuad. (TAUNAY *apud* BITTENCOURT, 2000, p. 60).

Foi nestas andanças pelos povoados indígenas que Taunay conheceu Antonia, uma bela índia da tribo Choronó (Guaná) e Chané.

Assim descreveu Taunay quando deitou os olhos na índia Chané:

Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de quinze para dezesseis anos de idade, tinha rosto oval, cútis fina, tez mais morena desmaiada do que acablocada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, boca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos. (TAUNAY, 1997, p. 297).

Quando o escritor conheceu Antonia, esta estava comprometida, prometida em casamento. Taunay não poupou esforços para conquistar a moça: tentou negociar o dote com o pai, um dote justo que lhe permitisse ter a mão da bela índia. As negociações realizaram-se em poucos dias, um colar de contas valera-lhe a mão da pretendida.

Em tudo lhe achava graça, especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos. Embelezei-me de todo por esta rapariga e sem resistência me entreguei exclusivamente ao sentimento forte, demasiado forte, que em mim nasceu. (TAUNAY, 1997, p. 301).

Parece propício pensar-se sobre as tradições e os costumes e se fazer uma reflexão acerca dessa tradição em leituras como:

[...] é necessário questionar essa hipótese central do tradicionalismo segundo a qual a identidade cultural se apóia em um patrimônio, constituído através de dois movimentos: a ocupação de um território e a formação de coleções. (CANCLINI, 2008, p. 190).

Nessa questão de se entender a tradicionalidade, Canclini aborda, em seu livro, que as tradições ocorrem em se manter um mesmo lugar, um mesmo território, as mesmas festas, os mesmos rituais e que a identidade desses povos se apresentaria de forma igual, pois o diferente seria aquele que não pudesse apropriar-se desses "bens" (p. 190). As cerimônias revelam valores, renovam a solidariedade afetiva [...] e preservam o patrimônio.

Mais adiante, no texto (p. 198), Canclini cita que os povos autóctones que empreendem a venda da arte popular, são considerados pelos cientistas sociais e pelas políticas culturais como bens simbólicos.

O que é tradição é o popular. E o termo popular é definido por Hall como "a manipulação e aviltamento da cultura do povo", e que "não existe uma 'cultura

popular' íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominações culturais" (HALL, 2009, p. 237-8). Em outra descrição, o autor define que: "a cultura popular é todas essas coisas que o 'povo' faz ou fez. Aquilo que define seu 'modo característico de vida", (p. 240) e problematiza que nem tudo o que um povo faz pode ser visto como cultura, seria muito comum, muito descritivo, precisa se descobrir o que é um "mero inventário descritivo", afirma.

Os povos indígenas que participaram da guerra, presenciaram a violência de perto. Essa violência não foi retratada tão abertamente como a sofrida pelos indígenas nos campos de batalha, em que milhares morreram vítima da fome, da cólera, da beribéri, das doenças como febres e outras que surgiam, como também pela falta de alimentos, de medicamentos e de atendimento. Foram vítimas de um monstruoso destino e cruel senhor, pois os pestilentos charcos por onde andaram, os lamaçais e os pantanais, cobertos de matas rasteiras e traiçoeiras derrubaram grande número de indígenas e muitas mulheres também. Houve também uma violência intelectual, passiva, que aos poucos foi derrotando a todos naqueles campos.

Os indígenas estavam acostumados a viver em meio à natureza, muitas vezes alimentavam-se de raízes e plantas às quais o homem branco desconhece como nutrição. Porém as condições a que estavam expostos eram tão violentas que muitos pereceram no caminho.

Neste dia fez a cólera nove vítimas. Assinalaram-se vinte casos novos: o che-

fe dos Terenas, Francisco das Chagas, chegou moribundo numa rede que sua gente carregava. Estavam estes desgraçados índios no auge do terror, mas não podiam mais abandonar a coluna, ocupado como se achava todo o campo por um inimigo que, quando os apanhava, jamais deixava de os fazer perecer nos mais horríveis suplícios. A que causa devíamos atribuir esta irrupção da cólera ou, melhor, a que causa não a atribuímos? Seria talvez a carne estragada que éramos obrigados a comer, ou a fome curtida quando as náuseas venciam o apetite, ou ainda o insuportável ardor dos incêndios que nos escaldavam o sangue, quiçá a infecção oriunda de todas as substâncias vegetais que devorávamos, brotos, frutos verdes e podres, ou também, enfim, a insalubridade do ar viciado pela água estagnada dos charcos e lodaçais que naquela região tanto abundam. Supunham alguns fosse o próprio inimigo o veiculador do morbo. (TAUNAY, 2005, p. 127).

Até o ar era insalubre.

A comitiva usava a água dos rios com o pavor da contaminação. Há várias passagens no texto em que o autor apontou como os “selvagens”, ou cativos, assim chamados por Taunay, salvaram a expedição da morte. Em uma delas há a passagem do rio Apa, um frondoso e volumoso rio, com águas caudalosas que, com as cheias, tornava-se perigoso. Os comandantes pediram aos indígenas que mergulhassem até o fundo para verificar a correnteza e descobrirem o modo mais seguro para a travessia da comitiva. Os índios mergulhavam e descobriam como levar, de forma mais segura para a

travessia, a tropa que levava armamentos e equipamentos de guerra; o autor citou um canhão, além de carroças com mantimentos e animais que seriam abatidos para a alimentação da expedição.

Ao mesmo tempo aparecem relatos como este abaixo:

Os que por largo tempo compartilharam da vida sertaneja têm um amor-próprio muito maior que os demais homens. Provém-lhes este sentimento do convívio com os selvagens, entre os quais, como se sabe, se revela veementemente pela inabalável firmeza com que suportam os mais cruéis tormentos, infligidos pelo inimigo vencedor. Cerca de duas léguas ainda, andamos assim, embora estrompados. (TAUNAY, 2005, p. 119).

Nesse trecho do livro, o autor reconheceu a postura inabalável do homem puro e simples que o seguia sem reclamar. Fala da firmeza com que suportavam os momentos mais cruéis e que, embora cansados pela violência da guerra, continuavam sua luta.

No trecho acima, Taunay referiu-se ao índio como selvagem, mais uma vez, embora reconhecendo seu valor.

Quase no final do livro o autor observou:

No dia da invasão do território paraguaio, isto é, em abril de 1867, era efetivo da coluna de 1.680 soldados. A 11 de junho reduzira-se a 700 combatentes. Perdêramos, pois 980 soldados pela cólera e o fogo. Morrera, além disto, grande número de índios, mulheres e homens negociantes ou

camaradas que haviam acompanhado a marcha agressiva do nosso corpo. (TAUNAY, 1997, p. 165).

A coluna deixou Nioac em 12 de junho de 1870, sob as palavras do chefe José Tomás Gonçalves:

A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubou em dois dias o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos estes males, todos estes desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que parecia contra vós conspirar. Soldados, honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras! (TAUNAY, 1997, p. 254).

Considerações finais

Neste estudo, procurou-se fazer uma leitura sobre a participação do índio na expedição da Guerra do Paraguai, em uma reflexão acerca do relacionamento da comitiva com o indígena. Questionar se esse homem bravo e lutador que, por vontade própria ou por imposição, serviu à Pátria e apareceu nos relatos de Taunay, não é relevante neste momento. Importa

sim que esses indígenas a serviço da campanha foram povos quase extintos. Em muitos relatos, encontram-se referências de que povos inteiros perderam suas terras ao término da guerra, e essa perda resultou em perda da própria identidade, pois para o indígena seu território e sua identidade estão relacionadas. Está se falando do século XIX. Por quanto tempo ainda restarão forças a esse povo para que, geração após geração, continue sua luta pelo seu território? É uma pergunta que se sabe ainda sem resposta.

O indígena, o homem simples, enfrentou os desafios de uma guerra que surgira sem aviso. Taunay cita na ordem da campanha a ajuda irrepreensível desse homem guerreiro e bravo. O irmão por natureza e da natureza esteve na guerra com as mãos limpas, mas se utilizou das suas armas pessoais quando se viu obrigado a isso, na maioria das vezes por questão de sobrevivência. Perseguido, esfomeado, tendo que carregar armas, combatendo e enfrentando a cólera, a beribéri, a fome, a sede, cercado pelos incêndios, pelo inimigo, pela falta de ânimo, pelo cansaço, pelas privações da guerra. Todo o sacrifício o fez sobreviver ao inimigo inabalável. Lutas históricas e grandes transformações sociais e culturais permearam esses povos nas décadas e, conseqüentemente, nos séculos após a guerra. Estiveram transformando sua própria história com tomada de decisões sobre sua estada durante a guerra; quer tenha sido consciente, quer tenha sido inconscientemente, estavam lá e modificaram, a história, mas principalmente a sua própria história. Os reflexos ainda

podem ser sentidos, séculos depois, mas historicamente não se podem mudar as decisões desses povos. Caberia sim um novo estudo para, quem sabe, se investigar por que esses povos estiveram durante tanto tempo ao lado desses senhores, longe de suas terras, passando as necessidades que passaram. É uma leitura para se fazer, quem sabe, mais adiante. Basta, a princípio, pensar a condição desses povos e, como aqui se propôs, desde o princípio da discussão, tentar compreender essa relação intercultural e interétnica que ocorreu nos campos de batalha, pois, como cita Kreutz em seu livro “as culturas mesmo onde aparecem como marginalizadas e excluí-

das, não são realidades mudas, mas são fontes do sentido e de construção do real” (KREUTZ 1998, p. 102). Isso sugere nova leitura acerca desse universo tão sobremaneira fascinante, das culturas e da relação de interculturalidade entre os povos.

Daí pode-se concluir que, das leituras, apreendeu-se que interculturalidade é pensar no outro, é ver-se cada vez mais a si próprio e ao outro, são as culturas que entram intencionalmente em dialogar, e esse diálogo só ocorre em sociedades simétricas, só há diálogo onde existem colocações paralelas, acabando definitivamente com o monólogo cultural. Esse realmente é um desafio.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000. 156 p.

CANCLINI, G. N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUIZZO, Octávio José. *Alma do Brasil: o primeiro filme nacional de reconstituição histórica, inteiramente sonorizado*. Campo Grande: UFMS, 1984.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2009.

KREUTZ, Lucio. Etnia e Educação. Perspectivas para uma análise histórica. In: CATANI, Denise Bárbara; SOUSA, Cynthia Pereira. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, 1843-1899. *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Organização Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A Retirada da Laguna*. Martin Claret: São Paulo, 2005.

_____. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 1948.

Recebido em março de 2012

Aprovado para publicação em agosto de 2012